



O PODER PÚBLICO MUNICIPAL, O MUSEU DO CARNAVAL E A INVISIBILIZAÇÃO DA CULTURA POPULAR NEGRA EM FLORIANÓPOLIS¹

Fernando Nilson Constâncio²

Doutorando PPGH-UDESC



<https://orcid.org/0009-0001-9213-8503>

Recebido em: 22 de janeiro de 2025

Aprovado em: 24 de fevereiro de 2025

RESUMO

Nas últimas décadas, as discussões em torno da necessidade de afirmação de narrativas que viabilizem a contribuição histórica das populações negras na sociedade brasileira têm se tornado um campo de disputas. Em Santa Catarina, o ano de 1948 é um marco para o campo da História e suas projeções futuras. É o ano que data a realização do Primeiro Congresso de História Catarinense, patrocinado pelo Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina (IHGB), que tinha como objetivo comemorar o Segundo Centenário da Colonização Açoriana. Em contrapartida a valorização da cultura açoriana, nesse mesmo cenário, era proibido qualquer atividade lúdica da população negra em Florianópolis. Desta forma, pretende-se nesta comunicação analisar a ausência de ações voltadas para a preservação e divulgação da memória

¹ Esse artigo é fruto do desenvolvimento da pesquisa “Políticas de Memória e o Poder Público de Florianópolis: O caso das Escolas de Samba e seus não acervos (1988-2022)” do doutorado em História da Universidade do Estado de Santa Catarina do presente autor.

² Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Doutorando em História (2024.2). Email para contato: constancionfc@gmail.com. Pesquisa com fomento do Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação (PROMOP). Vinculado ao Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais (AYA).



das escolas de samba de Florianópolis e suas implicações para a cultura negra local. Para que essas questões possam ser debatidas, recorre-se à utilização de fontes disponíveis on-line; A Lei 4.810/95 do município de Florianópolis que cria o Museu do Carnaval de Florianópolis, os cadernos de programação oficial do carnaval de Florianópolis.

PALAVRAS-CHAVE

História do Tempo Presente; Políticas de Memória; Escolas de Samba.

Introdução

A construção da identidade cultural de Florianópolis

Frequentemente somos imersos em notícias, reportagens e falas que conectam o estado de Santa Catarina com a colonização europeia, inclusive, reconhecendo o referido estado como parte da Europa no Brasil ou o chamado Vale Europeu, abarcando cidades como Blumenau, Pomerode e Timbó, dado o processo de colonização alemã da região. Em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, houve forte presença da colonização advinda das ilhas de Açores e Madeira, em Portugal, processo que se estabeleceu em todo o litoral do estado de Santa Catarina sob influência do fomento do Estado através de campanhas e acordos comerciais a partir de meados de 1740.

As marcas desse processo de colonização emergem na Florianópolis do século XXI através da arquitetura, da culinária e de manifestações culturais que foram historicamente vinculadas e associadas a costumes e características advindas das populações do arquipélago dos



Açores que fizeram parte do processo de colonização da cidade de Florianópolis. Talvez o exemplo mais evidente que conecte determinadas características seja a visualidade dos ladrilhos que compõem as calçadas da centenária Praça XV de Novembro, na região central da cidade.³ Contudo, determinadas características que fazem parte do contexto atual da cidade dialogam com uma construção imaginada acerca da cultura popular de Florianópolis, tendo como ponto de partida o Primeiro Congresso de História Catarinense, em 1948.

O ano de 1948 é um marco importante para o campo da História de Santa Catarina e suas projeções futuras. É o ano que marca a realização, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, do Primeiro Congresso de História Catarinense. Patrocinado pelo Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina (IHGB), o Congresso teve como objetivo comemorar o Segundo Centenário da Colonização Açoriana.⁴ É através da realização do Primeiro Congresso de História Catarinense que se busca redefinir o povoamento açoriano na região enquanto portadora da história e da identidade cultural de Santa Catarina. Assim, “foi no bojo desta discussão, portanto, como se vê, que a açorianidade foi inventada”.⁵ Esse processo de construção da identidade catarinense durante o século XX também é visualizado através das produções do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina (IHGB)

³ Obra de Hiedy Assis Corrêa, conhecido como Hassis, a pavimentação da Praça XV de Novembro foi feita em pedras portuguesas com mosaicos que representam manifestações cotidianas da cidade de Florianópolis com o pau-de-fita, o boi-de-mamão e a pesca da tainha. Maiores informações consultar: <<https://mosaicodobrasil.tripod.com/id76.html>>.

⁴ Gonçalves, Janice. *Sombrios umbrais a transpor*: arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX. 2006 (Tese de doutorado em História Social). p. 67.

⁵ Flores, Maria Bernadete Ramos. A Autoridade do Passado. In: *Teatros da Vida Cenários da História*. A farra do boi e outras festas na Ilha de Santa Catarina. São Paulo, PUC/SP, 1991. Tese (Doutorado em História). p. 133.



e sua devida circulação enquanto um mecanismo fundamental para a afirmação dos "açorianos como os verdadeiros representantes do estado".⁶

Nesse sentido, é possível compreender as práticas, associadas aos açorianos, enquanto "um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado".⁷ Deste modo, podemos perceber um esforço por parte do poder público e dos intelectuais locais de buscar, através da comemoração e rememoração, construir e solidificar a identidade açoriana no litoral de Santa Catarina. Nesse sentido, o ato de comemorar a açorianidade através de um Congresso e por ações dos intelectuais do IHGSC, demonstram a preocupação na solidificação de memórias coletivas acerca desse processo de conectar o estado de Santa Catarina ao denominado *Vale Europeu*. Assim, "a memória coletiva é, além de uma conquista, um instrumento e um objeto de poder".⁸ Em contraposição à valorização da cultura europeia no estado catarinense e na cidade de Florianópolis, é notório um movimento de silenciamento, exclusão e marginalização de outras culturas, sobretudo vinculada à população negra da cidade, como veremos a seguir.

⁶ Moraes, M. J. *A construção da identidade catarinense e a formação do litoral açoriano*. Oficina Do Historiador, 2(1), 20–33, 2010. p. 21.

⁷ Hall, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2003. p. 54.

⁸ Flores, Maria Bernadete Ramos. *A Autoridade do Passado*. In: *Teatros da Vida Cenários da História*. A farra do boi e outras festas na Ilha de Santa Catarina. São Paulo, PUC/SP, 1991. Tese (Doutorado em História). p. 118.



As escolas de samba e a cultura popular negra

Em contraste com a valorização da cultura açoriana promovida pelo Primeiro Congresso de História Catarinense em 1948, naquele mesmo período, de forma oficial, qualquer manifestação cultural da população negra em Florianópolis era proibida.⁹ Embora a proibição, é possível identificar a subversão das normas excludentes do Estado através da presença de brincantes dos blocos de rua em meio aos confetes, serpentinas e mascarados. Assim, ainda no ano de 1948, meses após o Congresso de História que celebrava o Bicentenário da chegada dos imigrantes dos Açores e Madeira, foi fundada a primeira escola de samba da cidade, a Protegidos da Princesa, no dia 18 de outubro. Em uma época em que a presença e a cultura negra na cidade eram amplamente rejeitadas, o nome da escola foi uma representação desse processo. Dessa forma, “Num ambiente hostil à raça negra, a ‘Protegidos da Princesa’ foi pioneira, desbravadora e iniciou o processo de ocupação das ruas, rompendo as barreiras do silêncio social dos negros”.¹⁰

Esse processo de exclusão das populações negras na cultura local, também é explicitado através da fundação da segunda escola de samba em Florianópolis, a Embaixada Copa Lord. Fundada em 1955, foi idealizada com símbolos e referências à presença das populações negras nos morros da cidade e sua relação com os centros urbanos. Deste modo, os exemplos acima narrados evidenciam que a fundação das primeiras escolas de samba na capital de Santa Catarina esteve marcada por processos de exclusão social e segregação espacial, sendo preciso buscar

⁹ Tramonte, Cristiana de Azevedo. *O samba conquista passagem: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996. p. 62.

¹⁰ *Ibidem*.



alternativas outras para existir e reexistir. Deste modo, as escolas de samba de Florianópolis passaram a se mobilizar em busca de reconhecimento e consolidação nos espaços urbanos, estabelecendo estratégias. Para isso, estabeleceram vínculos com o poder público local e representantes de segmentos políticos. Portanto, “Lo que es silenciado en determinada época puede emerger con voz fuerte después”.¹¹

Essa articulação se caracteriza através das diversas homenagens feitas pelas escolas de samba as autoridades, políticos e comércios locais, com o intuito de angariar recursos financeiros e político, “visando ocupar o espaço da rua com os desfiles das manifestações dos “negros do morro”.¹² Essa articulação é visível no *Caderno de Programação*¹³ das escolas de samba durante a década de 1970. deixando evidente o estreitamento entre as escolas de samba e os políticos locais, no intuito de articular suas reivindicações e melhores condições para sua manutenção em uma cidade que a todo momento se utiliza de mecanismos para desarticular as manifestações oriundas das populações negras, como ficará evidente, no caso das escolas de samba, nas décadas seguintes com os constantes cancelamentos dos desfiles carnavalescos.

¹¹ Jelín, Elizabeth. *La lucha por el pasado: cómo construimos la memoria social*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2018. p. 08.

¹² Tramonte, Cristiana de Azevedo. *O samba conquista passagem: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996. p. 96.

¹³ O caderno de programação das escolas de samba de Florianópolis pode ser consultado através do acervo da Casa da Memória da cidade.



Figura 01 - Caderno de programação - Carnaval Florianópolis



Fonte: Casa da Memória

Após um período de diálogos “amistosos” entre poder público e escolas de samba, o final da década de 1980 e a década de 1990 reservam novos cenários para o carnaval das escolas de samba de Florianópolis. As relações e embates entre as escolas de samba e o poder público se intensificam nas décadas seguintes.¹⁴ Desta forma, os desfiles das escolas de samba são cancelados no ano de 1988, em função da construção da Passarela do Samba Nego Quirido, que

¹⁴ *Ibidem*. p. 187.



seria inaugurada em 1989. Após cinco carnavais consecutivos, os desfiles carnavalescos são cancelados¹⁵ no ano de 1994, no governo de Sérgio Grandó, do Partido Popular Socialista (PPS), sendo retomados no ano seguinte, em 1995. Neste ano, a grande expectativa de retomada do carnaval e do diálogo com o poder público, levando até mesmo a criação do Museu do Carnaval Hilton da Silva, garantido pela Lei 4.810/95.¹⁶ O Museu que tinha enquanto iniciativa ser um espaço de memória das escolas de samba de Florianópolis, através do acervo de fotografias, fantasias, manequins, troféus, desenhos e outros, funcionou inicialmente no Portal Turístico de Florianópolis, logo após foi transferido para a Casa de Câmara e Cadeia até ter seu acervo perdido e o museu fechado. No ano de 2012, através do governo municipal de Dário Berger, se estabelece a Lei nº 8844, de 20 de janeiro de 2012, denominando, através de seu artigo segundo que “O Museu do Carnaval terá a sua sede localizada nas dependências da Passarela do Samba Nego Quirido”. Embora a tratativa, o Museu nunca chegou a ocupar o referido espaço, permanecendo fechado até os dias atuais (2025).

Esses embates e disputas entre as escolas de samba de Florianópolis e o poder público municipal atravessam o tempo presente e reverberam na ausência de ações voltadas para a preservação e divulgação da memória das escolas de samba de Florianópolis e suas implicações para a cultura negra local.

¹⁵ Os desfiles das escolas de samba em Florianópolis ainda viriam a ser cancelados nos anos de 1997, 1998 e 2013, na perspectiva do entendimento do poder público acerca do valor do carnaval enquanto um investimento turístico. Desta forma, “A escola de samba é colocada no centro de uma discussão que não condiz com o objetivo para o qual foi criada. A princípio, ela não existe para ser um atrativo ao turismo. Isso foi fomentado pelo próprio poder público”, de acordo com o historiador William Tadeu, em entrevista concedida para o Sítio Eletrônico ND+. A reportagem está disponível em: <<https://ndmais.com.br/cultura/carnaval-ja-foi-suspenso-outras-5-vezes-em-florianopolis-relembre-os-motivos/>>

¹⁶ *Ibidem.* p. 187.



Além dos constantes cancelamentos dos desfiles carnavalescos, o campo das escolas de samba de Florianópolis perpassa por outras problemáticas. As preposições frequentes acerca da remoção da Passarela Nego Quirido, local onde acontecem os desfiles das escolas de samba, para outros espaços da cidade e sua desarticulação da região central de Florianópolis onde se localizam as principais comunidades carnavalescas têm cada vez mais ganhando adeptos, inclusive com apoio da Liga Independente das Escolas de Samba de Florianópolis (LIESF) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).¹⁷ Soma-se esse fator a falta de incentivo público e financeiro para a manutenção de projetos sociais, ações educativas, a oferta de emprego e renda para os profissionais vinculados às escolas de samba e, consecutivamente, a realização e confecção do carnaval de forma antecipada e planejada são, no meu entendimento, os pontos principais.

Nesse tocante, é importante verificar que, anualmente, no período de realização dos festejos carnavalescos no Brasil, que ocorrem, seguindo os ritos do calendário cristão, 47 dias antes da Páscoa, os comentários questionando a realização dos desfiles carnavalescos e o financiamento público para as escolas de samba crescem de forma considerável, como podemos verificar em diversas páginas da *Web*. Vale destacar os seguintes comentários:¹⁸ “Mais de um milhão de reais para ser usado menos de uma hora e meia e ir pro lixo...”, “Vergonha. Infelizmente temos que aceitar. Melhorias no trânsito nada segurança nas praias nada saúde nada”, “O hospital Celso Ramos cheio de rato e barata uma vergonha de pois não vão pra

¹⁷ A notícia pode ser conferida através do link: <<https://ndmais.com.br/infraestrutura/cidade-do-samba-em-florianopolis-ja-tem-area-escolhida-para-construcao-saiba-onde/>>.

¹⁸ Os comentários foram transcritos de forma integral. Não divulgaremos o link com os referidos comentários como forma de não identificação das pessoas.



televisão reclamar q tem bactéria”, são alguns dos exemplos narrados em uma página no Instagram, denotando a construção de discursos contrários a realização do desfile das escolas de samba, a partir da construção social e histórica acerca da cultura da cidade de Florianópolis.

Considerações finais

O cenário enfrentado pelas escolas de samba em Florianópolis, aqui narrado até o presente momento, se direcionam através da construção histórica da cultura em Florianópolis. Como vimos, historicamente pautada através da construção de sentidos e valores europeus. Nesse cenário, identifica-se uma falta de compreensão da importância social e econômica das escolas de samba e, consecutivamente, da realização dos desfiles carnavalescos e as ações de apagamento dos *vetores de memória* das entidades carnavalescas.

Deste modo, vale destacar que o carnaval brasileiro representa aproximadamente 5% do faturamento do Turismo, correspondente a 3,7% do Produto Interno Bruto (PIB), gerando mais de 2,9 milhões de empregos diretos e movimentando 5,7 bilhões em todo o Brasil. Acerca das escolas de samba, é notório a sua representação da resistência das populações negras, pobres e excluídos e sua preocupação e cuidado com suas comunidades, fruto dos projetos sociais desenvolvidos durante todo o ano. São esses os argumentos apresentados pelo Projeto de Lei Nº PL./0476.0/2017, que declara o desfile das escolas de samba de Florianópolis integrante do patrimônio cultural imaterial do Estado de Santa Catarina. Nos termos da justificativa do Projeto de Lei, apresenta-se, a partir da sua oficialização, a responsabilidade do estado de Santa Catarina por qualquer dano causado aos bens, em qualquer valor, patrimonializados.



Nas últimas décadas, o número de discussões e debates sobre a afirmação das narrativas que viabilizem a contribuição histórica, social, política e cultural das populações negras na sociedade brasileira tem se intensificado. Um exemplo desse movimento são as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornaram obrigatórias as temáticas de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena nas escolas do país, além do Projeto de Lei Nº PL./0476.0/2017. Esses avanços, no entanto, ainda se esbarram na persistência de uma memória colonial que obscurece as contribuições significativas das populações negras. O apagamento dessa memória pode ser observado nas constantes críticas e cancelamentos dos desfiles carnavalescos, na derrubada da Passarela Nego Quirido e na falta de incentivo por parte do poder público na preservação e divulgação das escolas de samba, apesar da existência de leis que garantem o espaço físico para essas ações, como o caso do Projeto de Lei Nº PL./0476.0/2017, narrado anteriormente.

No contexto de Florianópolis, as escolas de samba, predominantemente compostas por populações negras, enfrentam um processo de invisibilização devido à falta de políticas públicas voltadas para a valorização de sua história e cultura. Essas escolas têm sido fundamentais para a ocupação do espaço urbano, a afirmação de identidades e a resistência contra o racismo estrutural, ao passo que promovem inclusão social e dignidade para as comunidades que representam. Assim, as escolas de samba não apenas promovem a cultura, mas também funcionam como espaços de contestação contra a marginalização e a segregação social.¹⁹

¹⁹ Nogueira, Azânia Mahin Romão. *Territórios Negros em Florianópolis*. Dissertação Mestrado em Geografia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis. 2018.



Além disso, a historiografia da memória das populações negras e suas manifestações culturais, como o carnaval e as escolas de samba, se entrelaçam com as questões de poder e política pública. A falta de efetivação do Museu do Carnaval em Florianópolis, por exemplo, evidencia um processo de esquecimento institucionalizado, que apaga e distorce as narrativas de resistência e luta das comunidades negras carnavalescas. Isso se reflete também em outras formas de apagamento que discutem as tensões na memória pública e a manipulação do passado. A luta das escolas de samba por reconhecimento e legitimidade se configura, assim, como um esforço para reverter as distorções históricas impostas pela colonialidade.

Portanto, a preservação e divulgação da memória das escolas de samba de Florianópolis não devem ser vistas apenas como um processo cultural, mas também como uma ação política necessária para combater as formas persistentes de racismo e marginalização. A falta de políticas públicas efetivas e a resistência institucional à preservação dessas histórias refletem uma contínua luta das populações negras para reconstituir e reescrever suas narrativas, contestando uma memória oficial que apaga e distorce suas contribuições. É necessário, portanto, que se repensem as práticas de patrimonialização e que se amplie a valorização dessas expressões culturais como um direito legítimo das comunidades negras, para que, assim, suas histórias possam ser reconhecidas e celebradas no espaço público e na consciência coletiva da sociedade.

Nesse cenário, a partir dos escritos de Stuart Hall, em seu célebre texto *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2003), emerge o conceito de Cultura Popular Negra, compreendendo-a enquanto um espaço de contestação, possibilitando a emergência de novos discursos. Deste modo, “A cultura popular negra tem permitido trazer à tona, até nas modalidades mistas e contraditórias da cultura popular mainstream, elementos de um discurso



que é diferente — outras formas de vida, outras tradições de representação”.²⁰ Portanto, as escolas de samba a partir de suas articulações, se apresentam enquanto um espaço de contestação da construção cultural da cidade de Florianópolis e do estado de Santa Catarina.

²⁰ Hall, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003. p. 342.